

BUSCA DE SENSACÃO E GÊNERO

2011

Nilton Soares Formiga

Doutor em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba. Atualmente é professor no curso de Psicologia na Faculdade Maurício de Nassau (Brasil)

E-mail:

nsformiga@yahoo.com

RESUMO

O construto busca de sensação é capaz de avaliar não somente a tendência que os jovens tem de correr riscos, mas também, a predisposição para experimentar sensações de novidades e intensidade, podendo variar tanto do processo socializador quanto da personalidade. O objetivo desse trabalho trata-se de avaliar a diferença entre homens e mulheres e a busca a novidade e intensidade. 504 jovens, entre 11 e 20 anos, de ambos o sexo, responderam a Escala de Busca de Sensação de Arnett. A partir de um teste *t* de *student* as médias dos homens foram maiores do que as mulheres para busca de novidade e intensidade. Esses resultados revelam os homens como os maiores a correrem risco, mas também, que essa busca de sensações se deve a socialização quanto as experiências que devem viver cada um do gênero.

Palavras-chave: Busca de sensação, gênero, idade

INTRODUÇÃO

A explicação do comportamento humano, nas ciências humanas e sociais tem sido um dos seus grandes objetivos. Apesar de existir uma quantidade de variáveis que apontam em direção dessas explicações ainda é muito promissor, na psicologia, as teorias da personalidade. Independente da linha teórica que se defenda, se idiográfica ou nomotética[#] ou quanto seu foco no inato e adquirido (Benet-Martínez & John, 1998; Gazzaniga & Heatherton, 2005), uma linha

[#] Diz respeito ao estudo do comportamento individual com a finalidade de elaborar leis de comportamento, nas quais todas as pessoas pudessem ser encaixadas, ou enfatizar ao estudo do indivíduo procurando conhecer suas singularidades.

de pesquisa que vem sendo retomada e acrescentando informações quanto à compreensão preditiva do comportamento humano é a teoria dos traços (Sobral, 1998; Stephenson, 1990).

A perspectiva dos traços de personalidade não diz respeito às questões patológicas, mas, à díade genética/meio ambiente, a qual implicaria em sentenças representativas dos traços, podendo ser definido como características individuais consistentes do comportamento, exibido pelo indivíduo em diversas situações, normalmente, concebido como disposições (Costa & McCrae, 1992; Saudino & Plomin, 1996).

São geradas taxonomias que permitam ao sujeito expressar através das condutas, formas específicas para si e os outros quando em contato na interação social (Formiga, Yepes & Alves, 2005), a qual na maioria das vezes atende-se a deseabilidade social destes, onde se procura parecer melhor para os outros, descrevendo-se como gostaria que fosse descrito por quem o observa, justamente por que essa auto-imagem exigida se deve a uma co-dependência dos “papéis” sociais (Queiroga, Formiga, Jesus, Gouveia & Andrade, 2001) representados por cada um de nós.

Quanto ao construto das diferenças individuais, ele proporciona um marco teórico importante nos estudos a respeito das idiosincrasias do indivíduo e estabilidade da conduta (Ávila, Rodríguez & Herrero, 1997; Barbaranelli & Caprara, 1996), bem como, na possibilidade de que, a partir das avaliações científicas das características individuais, seja possível em situações e momentos variados prever reações ou disposições futuras (Gazzaniga & Heatherton, 2005; Paunonen, 1998; Peabody, 1987; Trzop, 2000) das pessoas. Assim, na observação desses traços, não somente pode-se contribuir na organização das relações interpessoais, como também, seja apontando como fator de proteção ou de risco nestas relações (McAdams, 1992).

O foco na perspectiva dos traços é apontado por que na literatura em geral e no senso comum considera-se que o jovem tem uma necessidade latente em expandir seu mundo ideal e “real” através do comportamento de reivindicação e instrumentalidade, estando disposto a convites pessoais ou sociais para viver descobertas e senti-las intensamente, é possível conceber que esses conglomerados comportamentais possam ser caracterizados como buscas de sensações (Arnett, 1994; Omar & Uribe, 1998; Michel, Mouren-Siméoni, Perez-Diaz, Fallissard, Carton & Jouvent, 1999; Zuckerman, 1971). Considerado um traço personalístico teve seus estudos iniciados por Zuckerman (1971; Zuckerman, Eysenck & Eysenck, 1978) o qual se referia à necessidade de viver experiências complexas e de novidades, apenas pelo desejo de afrontar riscos físicos e sociais, com o intuito de satisfazer suas necessidades pessoais.

Desta forma, o construto busca de sensações, não apenas é tido como necessidade individual de experimentar situações de risco em termos da proposta por M. Zuckerman (1971), mas, tendo estes traços, sua inserção na socialização, a qual vem sendo avaliada com bastante ênfase nos últimos anos. Essa dimensão personalística, segundo Arnett (1994), pretende compreender o comportamento juvenil, principalmente, aqueles que caracterizam transgressões

de normas sociais, como variações do comportamento de risco a partir da investida que o jovem dá a busca de novas experiências e emoções intensas (Mussen, Conger, Kagan & Huston, 1990).

Arnett (1994) a partir da perspectiva de Zuckerman, bem como, fazendo referência a alguns limites tanto na concepção do construto quanto em sua instrumentalização e seleção dos itens, propôs um modelo alternativo, o qual defende que a busca de sensação varia entre intensidade e novidade, mas não apenas em termos de complexidade condutual como concebia Zuckerman, bem como, que essa dimensão do traço de personalidade deveria ser enfatizada sobre o processo de socialização o qual tornaria capaz de modificar predisposições biológicas (Omar & Uribe, 1998). Desta forma, uma hipótese é levanta em termos da condição, que tanto homem e mulher, possam estar envolvidos na dinâmica da socialização, bem como, em relação a variação etária. Isto não apenas pode ser refletido quanto aos fatores de proteção que família e escola venham a oferecer para que jovens, homem ou mulher, se construam nas relações de pares de iguais e seus familiares, mesmo que estereotipicamente, a conduta social mais adequada para ambos os gêneros.

Os estudos a respeito desse tema têm sido desenvolvidos centrando-se no papel do homem e da mulher na sociedade, como também, em relação às disposições psicológicas, de feminilidade ou masculinidade, paralelas as novas exigências ocorridas na sociedade em relação aos valores culturais, apontando para uma maior conscientização psicossocial fazendo com que as desigualdades entre homens e mulheres sejam amenizadas (Radice, 1987), principalmente, quanto as estereotípias em termos das dimensões atitudinais afetivas.

Apesar do gênero evidenciar uma relação de poder permeado na sociedade, tal diferenciação, seja a partir do poder ou da disposição emocional e política, dos traços de personalidade ou de pressupostos da aprendizagem social (Expósito, Moya & Glick, 1996; Ferreira, 1995; Souza & Ferreira, 1997), não é possível considerar a existência desse fenômeno isoladamente, mas, unir-se a outros fatores, por exemplo, demográficos, das relações grupais, escolares, religiosos etc.; no caso as emoções, na busca da definição tanto diferença quanto observação de um maior conjunto dos processos discriminatórios, ligado ao contexto cultural, faz-se necessário a compreensão de como os significados subjetivos e coletivos de ambos os sexos são construídos para formar categorias de identidade (Borelli, 1998).

O problema em diferenciar homens e mulheres, não é condição apenas da ciência humana e, especificamente, da psicologia, mas, praticamente, de toda a ciência em geral: da genética, antropologia a sociologia; obviamente, todas elas com seu grau de verdade no que diz respeito a diferenciação, bem como, seu limites. Porém, o fato não está em apenas apontar que existe concretamente uma diferença, mas, como é possível interpretar frente ao gênero, as escolhas, crenças, atitudes etc. que possa decidir considerando que tanto o mundo quanto sua dinâmica sócio-humana, não é destinado, se e somente se, ao sujeito homem ou mulher, afinal a sociedade não foi e não é construída para uma dessas categorias, e muito, para satisfação também de um deles. Aponta-se em direção de uma condição em que homens e mulheres não se comportam ou

são orientados a se comportarem a partir do vazio ou numa espécie de ponto de origem, mas, na dinâmica das relações interpessoais onde surgem início e fim, e início novamente, e sempre e sempre.

A pesar de ter os estudos a respeito desse tema desenvolvidos centrando-se no papel do homem e da mulher na sociedade, outras espaços científicos vem defender condições físicas para apontar as tais diferenças entre o gênero de forma concreta, por exemplo, a anatomia e fisiologia, porem, o esse fato, parece não ser suficiente para que se explique a conduta de ambos os gêneros, porque este está ligado tanto as disposições psicológicas, de feminilidade ou masculinidade, bem como, a construção social dessas categorias; paralelas as estes construtos, as novas exigências ocorridas na sociedade, principalmente, em relação as constantes mudanças dos valores culturais, práticas e papeis sociais ao longo do século XX, permitindo refletir em termos de uma maior conscientização psicossocial de que ambos os gêneros, mais significativamente, a mulher, deve e luta para inibir as desigualdades existentes entre eles (Fraisse, 1991; Radice, 1987), mas, especificamente, as estereotipias em termos das dimensões atitudinais afetivas destinadas as mulheres (Archier, 1996; D'Amorim, 1997).

MÉTODO

Amostra

A amostra foi composta por 504 jovens, distribuídos igualmente no nível escolar fundamental e médio da rede privada e pública de educação na cidade de Palmas – TO, com idades entre 14 e 21 anos e uma renda econômica media de 1.160,00 Reais. Os respondentes foram de ambos os sexos, predominando ligeiramente a participação de mulheres (53%). Tal amostra foi não probabilística e sim intencional, o propósito era, principalmente, garantir a validade interna dos resultados da pesquisa.

Instrumento

Os participantes responderam um questionário composto das seguintes medidas:

Inventário de Busca de sensação. Este instrumento, construído por Arnett (1994; Omar & Delgado, 1998) trata-se de uma escala composta por vinte itens, os quais originam duas sub-escalas referentes à busca intensidade e novidade na estimulação dos sentidos, cada uma com dez itens cada uma. Para responde-la a pessoa utilizava uma escala de resposta tipo Likert com quatro pontos (1 = não me descreve em nada; 2 = descreve-me em alguma medida; 3 = descreve-me bem e 4 = descreve-me totalmente) devendo indicar nela com um X ou circulando o número que indicasse o quanto cada um dos itens descreve sua conduta habitual.

Caracterização Sócio-Demográfica. Foram elaboradas perguntas que contribuiriam para caracterizar os participantes deste estudo (por exemplo, sexo, idade, classe social), bem como realizar um controle estatístico de algum atributo que possa interferir diretamente nos seus resultados.

Procedimento

Procurou-se definir um mesmo procedimento padrão que consistia em aplicar os instrumentos coletivamente em sala de aula. Desta forma, colaboradores com experiência ficaram responsáveis pela coleta dos dados. Após conseguir a autorização tanto da diretoria da escola quanto dos professores responsáveis pela disciplina, os aplicadores se apresentavam em sala de aula como interessado em conhecer as opiniões e os comportamentos das pessoas sobre seus hábitos de lazer no dia a dia, solicitando a colaboração voluntária dos estudantes no sentido de responderem um questionário breve. Foi-lhes dito que não havia resposta certa ou errada, e que respondessem individualmente. A todos era assegurado o anonimato das suas respostas, que seriam tratadas em seu conjunto, apesar do questionário ser auto-aplicável, contando com as instruções necessárias para que possam ser respondidos, os colaboradores estiveram presentes durante toda a aplicação para retirar eventuais dúvidas ou realizar esclarecimentos que se fizessem indispensáveis. Um tempo médio de 30 minutos foram suficientes para concluir essa atividade.

Tabulação e Análise dos Dados

Utilizou-se o pacote estatístico SPSSWIN, em sua versão 11.0, para tabular os dados e realizar as análises estatísticas descritivas, bem como, os coeficientes de correlação r de Pearson e o teste t de Student.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerados os objetivos no presente estudo, realizou-se um teste *t de student*, com o intuito de avaliar a diferença entre homens e mulheres na busca de sensação. Assim, a partir desse cálculo, foi observado o seguinte resultado (ver tabela 1): é possível visualizar as diferenças entre homens e mulheres no que diz respeito a busca de intensidade, onde os homens pontuaram mais alto (M = 2,58, DP = 0,65) do que as mulheres (M = 2,30, DP = 0,68) [$t(395) = 4,15$, $p < 0,01$]; o mesmo ocorreu para a busca de novidade, tendo os homens, também, pontuado mais alto (M = 2,78, DP = 0,80) do que as mulheres (M = 2,60, DP = 0,64) [$t(383) = 2,15$, $p < 0,01$]. No que se refere ao construto busca de sensação (**BS** = Pontuação total dos itens da escala

de busca de sensação), os homens ($M = 2,69$, $DP = 0,62$) do que as mulheres ($M = 2,45$, $DP = 0,58$) [$t(362) = 3,73$, $p < 0,01$].

Tabela 1: Dimensões da busca de sensação entre Homens e Mulheres.

	Gênero										
	HOMEM				MULHER				Estatísticas		
	M	DP	M	DP	t	gl	p <				
Busca de Sensação											
Intensidade	2,58	0,65	2,30	0,68	4,15	395	0,01				
Novidade	2,78	0,80	2,60	0,64	2,51	383	0,01				
BS*	2,69	0,62	2,45	0,58	3,73	362	0,01				

Nota: * **BS** = Pontuação total dos itens da escala de busca de sensação. N = 504 sujeitos.

Considerando que a maior pontuação média foi observada para a amostra de homens, pode-se refletir não somente na direção de que a exigência instrumental atribuída a eles aponta-se para a adesão a um papel social nas relações interpessoais e motivações referindo-se a socialização e construção dos traços de personalidade específico para cada gênero.

Com uma maior atenção aos resultados, não apenas pode-se refletir que há maior investimento nos traços de personalidade instrumentais destinados aos homens do que as mulheres; deflagrando, assim, uma tendência sexista. Cotidianamente, se observarmos as atitudes de mulheres que correspondam, por exemplo, a busca de novidade, é possível perceber um discurso – principalmente, por parte dos homens – quanto à tendência ao desvio da normalidade do que é ideal para a mulher, podendo até, atribuir-se a elas, a uma histeria ou falta de educação, de ser uma mulher louca, justamente, por elas manifestarem traços de busca de sensação, os quais, socialmente, são destinados aos homens.

Pensar nessa direção trata-se, primeiro, de tangenciar a perspectiva de que a personalidade – na concepção dos traços – não ocorre no vazio, e sim, se dá nos processos de socialização na dinâmica familiar, instituição a qual é o primeiro grupo socializador do ser humano (Omar & Uribe, 1998); segundo, que os resultados aqui encontrados podem estar imbuídos em estereótipos que influenciam a conduta socialmente desejável para cada um dos gêneros.

Apesar de ser um breve estudo, espera-se que o objetivo principal tenha sido atingindo, porém, sugere alguns caminhos de estudo avaliar as diferenças entre homens e mulheres em relação aos traços de personalidade. Porém, sugestões para futuros estudos podem ser destacados: 1 – seria interessante avaliar as mesmas variáveis considerando a idade e classe social; 2 – outro contexto que poderia ser importante refere-se à avaliação com amostra de jovens e seus pais a fim de analisar a convergência entre as respostas na busca de sensação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Archier, J. (1996). Sex differences. Em A. S. R. Manstead & M. Hewstone (Eds.), *The blackwell encyclopedia of social psychology*. (pp. 520-524). Oxford: Blackwell Publishers.

Arnett, J. (1994). Sensation seeking: a new conceptualization and a new scale. *Personality and individual differences*, 16 (2), 289-296.

Ávila, A. E.; Rodríguez, S. C. & Herrero, J. R. S. (1997). Evaluación de la personalidad patológica: Nuevas perspectivas. Em: E. Cordero (org.). *La evaluación psicológica en el año 2000*. (pp. 79-107.)Madrid: TEA.

Barbaranelli, C. & Caprara, G. V. (1996). How many dimensions to describe personality? A comparison of Cattell, Comrey, and the Big Five taxonomies of personality traits. *European Review of Applied Psychology*, 46 (1), 15-24.

Benet-Martínez, V. & John, O. P. (1998). Los Cinco Grandes across cultures and ethnic groups: multitrait multimethod analyses of the Big Five in Spanish and English. *Journal of Personality and Social Psychology*, 75, 729-750.

Borelli, A. (1998). Gênero: Desafios e perspectiva. *Revista Unicsul*, 4, 79-84.

Costa, P. T. & McCrae, R. R. (1992). Four ways five factors are basic. *Personality and Individual Differences*, 13, 653-665.

D'amorim, M. A. (1997). Estereótipos de gênero e atitudes acerca da sexualidade em estudos sobre jovens brasileiros. *Temas em Psicologia*, 3, 121-134.

Expósito, F.; Moya, M. C. & Glick, P. (1998). Sexismo ambivalente: Medición y correlatos. *Revista de Psicología Social*, 13, 159-169.

Ferreira, M. C. (1995). Masculinidade, feminilidade e ajustamento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 8, 205-224.

Formiga, N. S.; Yepes, C. & Alves, I. (2005). Correlatos entre traços de personalidade e afiliação com pares sociais: Reflexões a respeito da formação personalística em jovens. *Anais do IV congresso científico do Ceulp-Ulbra: Ética e Ciência*. (pp. 277-279). Palmas-TO.

Fraisse, G. (1991). Da destinação ao destino. História filosófica da diferença entre os sexos. Em G. Duby & M. Perrot (Org.), *História das mulheres no Ocidente. Século XIX*. (pp. 59-96). Porto, Portugal: Afrontamento.

Gazzaniga, M. S. & Heatherton, T. F. (2005). Personalidade. In: *Ciência Psicológica: Mente, cérebro e comportamento*. (pp. 470-496). Porto Alegre: Artmed.

McAdams, D. P. The Five-factor personality profiles. *Journal of Personality Assessment*, v. 60, pp. 329-361. 1992.

Michel, G.; Mouren-Siméoni, M-C.; Perez-Diaz, F.; Falissard, B.; Carton, S. & Jouvent, R. (1999). Construction and validation of a sensation seeking scale for adolescents. *Personality and individual differences*, 26, 159-174.

Mussen, P. H.; Conger, J. J.; Kagan, J. E. & Huston, A. C. (1995). *Desenvolvimento e Personalidade da Criança*. 3ª ed. São Paulo: Harbra.

Omar, A. & Uribe, H. D. (1998). Dimensiones de personalidad y busqueda de sensaciones. *Psicologia: Teoria, investigação e Prática*, 3, 257-268.

Paunonen, S. V. (1998). Hierarchical organization of personality and prediction of behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74 (2), 538-556.

Peabody, D. (1987). Personality dimensions through trait inferences. *Journal of Personality and Social Psychology*, 46 (2), 384-403.

Queiroga, F.; Formiga, N. S.; Jesus, G. R.; Gouveia, V. V. & Andrade, J. M. (2001). Desejabilidade social e Personalidade In: *XXXI reunião anual de psicologia: A construção da psicologia na pesquisa e no ensino*. (p. 306). Rio de Janeiro: SBP.

Radice, J. (1987). Papéis sexuais no Nordeste do Brasil: Sua desejabilidade e possíveis conseqüências para a auto-realização da mulher. *Revista de Psicologia*, 5, 93-103.

Saudino, K. J. & Plomin, R. (1996). Personality and Behavior Genetics: Where Have Been and Where Are We Goin? *Journal of Research in Personality*, 30, 335-347.

Sobral, J. (1996). Psicologia social jurídica. Em: J. L. Álvaro; A. Garrido & J. R. Torregrossa (Orgs.). *Psicología Social Aplicada*. (pp. 254-268). Madrid: McGraw-Hill.

Souza, M. A.; Ferreira, M. A. C. (1997). Identidade de gênero masculina em civis e militares. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 10, 301-314.

Stephenson, G. F. (1990). *Psicología Social Aplicada*. Em: M. Hewstone; W. Stroebe; J. P. Codol; G. M. Stephenson (Org.). *Introducción a la psicología social: Una perspectiva europea*. (pp. 397-425). Barcelona: Ariel.

Trzop, B. M. (2000). *The Big Five: Taxonomy of Trait Theory*. <http://www.personalityresearch.org/papers/popkins.html>. (consultado em 24/12/05).

Zuckerman, M. (1971). Dimensions sensation of seeking. *Journal of consulting and clinical psychology*, 36, 45-52.

Zuckerman, M.; Eysenck, S. B. G. & Eysenck, H. J. (1978). Sensation seeking in England and America: Cross-cultural, age and sex comparisons. *Journal of consulting and clinical psychology*, 46, 139-149.